

## CORPO-MENTE, AFETOS E EDUCAÇÃO: ENCONTROS SPINOZIANOS

### BODY-MIND, AFFECTIONS AND EDUCATION: SPINOZIAN ENCOUNTERS

Recebido em: 01/05/2023

Reenviado em: 03/10/2023

Aceito em: 15/10/2023

Huanderson Barroso Lobo<sup>1</sup> 

Universidade Federal do Amazonas

José Vicente De Souza Aguiar<sup>2</sup> 

Universidade do Estado do Amazonas

**Resumo:** O artigo foi motivado por afecções spinozianas, sobretudo mediante o encontro com sua obra “Ética”. Esta produção objetiva realizar um deslocamento conceitual das principais ideias de Baruch Spinoza e relacioná-las às vivências que acontecem na educação formal. A metodologia foi construída a partir de um estudo bibliográfico com enfoque nas teses abordadas na referida obra. Na sua trajetória de discussão, a temática Educação não aparece como preocupação explícita; porém, observamos que ele procurou pensar a vida por meio do modo corpo na imanência, cujo conhecimento é o mais potente dos afetos. Ao entendermos que a vida se faz também pela educação, buscou-se estabelecer a relação entre corpo, mente, conhecimento, afeto e educação. Conclui-se que no processo de Educação, seja escolar, seja no mundo da vida, o corpo aluno precisa ser envolvido em encontros adequados, alegres, a fim de que lhe aumente a potência de ser, pensar e agir.

**Palavras-chave:** Imanência; Conhecimento; Corpo; Educação Formal.

**Abstract:** The article was motivated by Spinozian affections, above all through an encounter with his work “Ethics”. This production aims to carry out a conceptual displacement of Baruch Spinoza's main ideas and relate them to the experiences that take place in formal education. The methodology was built on a bibliographical study focusing on the theses addressed in the aforementioned work. In his path of discussion, the theme of education does not appear as an explicit concern; however, we note that he sought to think about life through the body mode in immanence, whose knowledge is the most potent of affections. By understanding that life is also made through education, we sought to establish the relationship between body, mind, knowledge, affect and education. The conclusion is that in the process of education, whether at school or in the world of life, the student body needs to be involved in appropriate, joyful encounters in order to increase its power to be, think and act.

**Keyword:** Immanence; Knowledge; Body; Formal education.

## INTRODUÇÃO

A vida na escola foi pensada com vista ao rendimento escolar, isto é, ser mensurado pelas pontuações obtidas nas atividades escolares realizadas. Neste sentido, ela tem duas dimensões: uma que indica o aproveitamento desejado para a obtenção do conhecimento, outra que aponta o indesejado quando o estudante não alcança a pontuação e/ou habilidades estipuladas para ser considerado aprovado (BRASIL, 2017). Ademais, compreende-se que há uma métrica e uma forma normalizadora pela qual a vida é avaliada e classificada. Dessa

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-graduação em Educação da Amazônia da Universidade Federal do Amazonas. E-mail: huandersonpj@hotmail.com

<sup>2</sup> Programa de Pós-graduação em Educação da Amazônia da Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: vicenteaguiar@gmail.com

maneira, ao que se refere às motivações spinozianas, entende-se que a vida e sua capacidade de expressão e de inventividade não se restringem aos mecanismos pragmáticos avaliadores do pensamento, visto que esse é avaliado e medido pela ideia de erros e acertos.

Dessa forma, a vida parece estar submetida a estratégias de ensinamentos e de conteúdos que lhe habilite a ser útil para determinadas finalidades na sociedade, e as dimensões subjetivas tornam-se secundárias. Cuidar dela se faz por mediações didáticas com o intuito de que ela possa desenvolver seu potencial para uma atividade em determinados campos, ainda mais considerados necessários e externos ao ser. Diante desse cenário, à escola exige-se ou que ela ensine um ofício liberal, ou um denominado de mecânico, com vista a uma necessidade imediata; há também quem advogue a função política dela como lugar de formação crítica e transformadora da sociedade.

Os encontros com a escola e com o processo de aquisição dos saberes escolarizados são inevitáveis, logo, os corpos são singulares em suas substâncias, essências e atributos. Diante dessa condição, os encontros programados pelo currículo oficial determinam os conteúdos a serem ensinados e as horas de ensinamento obrigatoriamente a todos os corpos. Como é possível dizer que todos os corpos precisam cumprir a mesma carga horária e os conteúdos programáticos? Como é possível dizer que um corpo pode sofrer afecções alegres de todos os conteúdos elegidos, programaticamente, para serem aprendidos?

Sustentar uma concepção de ensino a partir das dimensões corpóreas requer ultrapassar e expandir, para além do princípio biológico, o ser humano. Para Tomaz Tadeu, temos a seguinte compreensão: “Corpos de todo tipo. Humanos. Animais. Animados. Inanimados. Institucionais. Linguísticos. Uma mistura variada” (SILVA, 2002, p. 55). Isto é, precisa-se superar a definição instrumental do corpo como extensão do pensamento, no qual seus movimentos devem estar primordialmente inseridos e vinculados a um estado social.

Corpos avaliados exclusivamente pelas orientações das vertentes fisiológicas, ao ponto de classificá-los pelo tempo vivido no ambiente escolar, e pelos níveis de escolaridades alcançados e certificados pelos históricos escolares acabam por refrear outras dimensões essenciais à vida humana. Em síntese, vida mensurada pelo nível de escolaridade, ao ponto de se dizer que quem não frequentou a escola, quem não dominou o código da escrita e cálculos básicos é analfabeto; após esse nível, todos entram no grupo dos alfabetizados, com distinções dos níveis a serem alcançados.

Parece que o currículo comporta outras justificativas para determinar seus componentes, talvez seja o cognitivo, se assim for, ele é mais simpático ao Descartes, que estabeleceu a

separação entre corpo e alma. Nesse cenário, o corpo corresponde apenas ao suporte para a alma, cuja função é de agir racionalmente, sobretudo pela sua dimensão cognitiva. Se de fato esse entendimento está correto, então a vida na escola enche os estudantes de satisfação na sua existência escolar, causando-lhes o aumento no seu desejo de estar naquela instituição, conseqüentemente, os índices de abandono, de desistência e de reprovação não se justificariam por si, visto que corpos satisfeitos não buscam atos de fugas daquilo que adequadamente lhes fazem felizes.

Ocorre que a separação cartesiana do ser em corpo e alma foi arbitrária, porém precisa ser compreendida no tempo histórico de Descartes, ou seja, no século XVII. Já a manutenção da separação corpo e alma após mais de três séculos parece não mais ser justificável, mas um ato ou de arrogância ou desconhecimento; se o primeiro, é porque é voluntário, e tem a vontade de agir dessa forma; se por aquele, não teve a intenção de realizar o ato, foi involuntário; nesse caso, não merece ser atribuído de culpa.

Diante do exposto, o esforço dessa reflexão é de demonstrar a indissociabilidade entre corpo-mente em Spinoza e sua articulação ao processo de escolarização. A teoria do paralelismo é fundamentada na unissonante constituição do corpóreo-mental, faz-se presente em toda obra do filósofo; essa inseparabilidade dos elementos forma e cria possibilidades de alcançar as expressões máximas dos desejos, o mundo das “intensidades puras” (DELEUZE, 2019, p. 70), cujas preocupações principais apontam para a ideia dos encontros que aumentam a potência do corpo-mente, fundamental para a vida em afirmação na sua existência, inclusive na escola.

O percurso metodológico deste artigo foi construído a partir de um estudo bibliográfico com realização de fichamentos da obra “Ética” (2019) de Baruch Spinoza, traduzida no Brasil por Tomaz Tadeu da Silva considerado um dos maiores estudiosos no país do referido teórico e da coletânea “Cursos sobre Spinoza” (1978-1981) de Gilles Deleuze, após a categorização dos principais conceitos realizamos um deslocamento conceitual para pensar o corpo-mente na área da educação com vistas a alcançar as afirmações criadoras que permeiam a vida.

## **A IDEIA DE VIDA PARA SPINOZA**

É possível dizer que a obra “Ética”, de Spinoza, não dirige uma preocupação para a educação, ou seja, da mesma forma, não o faz para compreender a morte, mas o faz com vista ao entendimento da vida como ato de expressão. Isto é, na sua potencialidade de existir e de criar. Assim, descreve Deleuze (2019, p. 30), ao destacar a preocupação de Spinoza, quando criticado por Hegel “o reparo que Hegel fará a Spinoza, de ter ignorado o negativo e sua força,

acaba por ser a glória e a inocência de Spinoza, a sua própria descoberta”. Spinoza ignora o trabalho do negativo e inventa a afirmação da imanência. Na Proposição 67, da quarta parte da “Ética”, Spinoza afirma que “não há nada em que o homem livre pense menos que na morte, e sua sabedoria não consiste na meditação da morte, mas da vida” (SPINOZA, 2019, p. 200). Nessa forma de pensamento, ele demonstra que:

O homem livre, isto é, aquele que vive exclusivamente segundo o ditame da razão, não se conduz pelo medo da morte; em vez disso, deseja diretamente o bem, isto é, deseja agir, viver, conservar seu ser com base na busca da própria utilidade. Por isso, não há nada em que pense menos que na morte; sua sabedoria consiste, em vez disso, na meditação da vida (SPINOZA, 2019, p. 200).

O entendimento está posto sobre a morte como uma condição do corpo, para a qual não há, no plano da imanência, alternativa a ela. O ser vivo caracteriza-se pela sua condição inevitável de mortalidade do organismo. Já a vida não se restringe à condição do organismo na sua condição de descontinuidade existencial, pois ela está para uma condição de força e de expressão. Em outros termos, ela se nutre dos encontros pelos quais aumenta sua vitalidade. Afinal, a vida se faz mediante as experiências dos encontros na imanência que perpassam pelo conhecimento e pela experimentação de modos de vida. Dessa forma, Deleuze trata a ideia de vida em Spinoza quando pergunta a esse:

O que conta é: de que é capaz um corpo? [...] que nós não sabemos mesmo de que é capaz um corpo, nós tagarelamos sobre a alma e sobre o espírito e nós não sabemos o que pode um corpo. Ora, um corpo deve ser definido pelo conjunto das relações que o compõem [...] pelo seu poder de ser afetado. Enquanto vocês não souberem qual é o poder de ser afetado de um corpo, enquanto o apreendem ao acaso dos encontros, vocês não terão uma vida sábia, vocês não terão a sabedoria (SPINOZA, 2019, p. 52).

Aqui está posta a positividade da vida, ou a ideia da vida como afirmação do indivíduo no mundo da imanência, pois ela é movimento, possibilidades que se efetivam na medida dos bons encontros, dos encontros mediados por ideias adequadas. Nesse sentido, vale ressaltar o entendimento do que significa esse tipo de ideia para Spinoza, apresentado na segunda parte do livro “Ética”. Isto é: “Por ideia adequada compreendo uma ideia que, enquanto considerada em si mesma, sem relação com o objeto, tem todas as propriedades ou denominações intrínsecas de uma ideia verdadeira”, cujas “ações da mente provêm exclusivamente das ideias adequadas, enquanto as paixões dependem exclusivamente das ideias inadequadas” (SPINOZA, 2019, p. 51-52). A partir de então, quando ocorrerem menções a elas, serão consideradas nessas duas acepções.

A vida, diferentemente do corpo organismo, faz-se no devir, “é por isto que pensar na morte é a coisa mais imunda, ele se opõe a toda a tradição filosófica que é uma meditação sobre a morte, sua fórmula é que a filosofia é uma meditação da vida e não da morte. Evidentemente, porque a morte é sempre um mau encontro” (DELEUZE, 2019, p. 61). Nesse sentido, a morte corresponde a uma determinação do organismo vivo, a vida à expressão, à criação, à produção de significados. Em suma, como expressão congrega a força capaz de atribuir a si mesma as mais diferentes formas de viver, sobretudo a considerar a essência do ser.

Dessa maneira, “só uma coisa conta: as maneiras de viver. [...] a filosofia não pode ser mais do que uma meditação da vida, e longe de ser uma meditação da morte” (DELEUZE, 2019, p. 66). Mesmo sabendo da condição de inevitabilidade da vida organismo, a vida como ato de criação é capaz de atribuir e de criar significados aos seus mais diversos momentos de existências, a saber:

O saber envelhecer é chegar ao momento em que as noções comuns devem fazer-nos compreender em que as coisas e os outros corpos não convêm com o nosso. Então forçosamente, vai ser preciso encontrar uma nova graça que será aquela da nossa idade, sobretudo não agarrar-se. (sic) Isto é sabedoria. Não é a boa saúde que faz dizer “viva a vida”, isto não é mais do que a vontade de agarrar-se a vida (DELEUZE, 2019, p. 67).

Até o momento, vimos a vida a partir da ideia de imanência, mas essa condição não corresponde somente ao estado orgânico inevitável. Ela decorre também de condições expressas pela não vontade de agir, pela não vontade do ser em ato. Isto é, naquilo ao que poderíamos dizer que o corpo se nega a envolver-se em atos de ação e acomoda-se ao estado de servidão, que representa na leitura de Deleuze a uma manifestação de vida. Em outras palavras: “Spinoza chama o impotente, é o escravo. Os impotentes são os escravos. [...] É um modo de vida. Há por conseguinte, pessoas que não são de forma alguma socialmente escravos, mas vivem como escravos! A escravidão como modo de vida e não como estatuto social” (DELEUZE, 2019, p. 113).

É sobre a vida e, conseqüentemente, sobre o corpo que incidem as relações, sejam elas de poder, controle, prestígio, ascendência, domínio, todas as relações são percebidas pelo “veículo do ser no mundo” (MERLEAU-PONTY, 1999). Capturar a vida consiste em uma estratégia, cujas ações são projetadas para atingir o corpo e/ou discipliná-lo e/ou controlá-lo. Logo, o fato dar-se pela ação elaborada por meios dos recursos disciplinares, ou melhor, como as regras de condutas e instrução para regulamentar as formas de comportamentos nos espaços

dos templos religiosos, ou nos espaços escolares, ou das fábricas, ou dos quartéis para a instrução dos corpos dos soldados.

A esse respeito, vale ressaltar a discussão realizada por Foucault (2003) sobre o desenvolvimento das técnicas de poder voltadas para os indivíduos, destinadas a dirigi-los de maneira contínua e permanente. Da mesma forma, nos espaços hospitalares, observamos que as regras de condutas orientaram os corpos dos enfermos e daqueles que lhes dirigem os cuidados terapêuticos. Nesse cenário, as ações sobre o corpo têm alcance sobre a vida que, regulada pela tristeza, gera corpos sem vitalidade para a criação.

É quase como uma adivinha: o que é que há de comum, para Spinoza, entre um tirano que tem o poder político, um escravo, e um sacerdote que exerce um poder espiritual? Este algo de comum é o que vai fazer Spinoza dizer: mas são impotentes! É que de certa maneira eles têm necessidade de entristecer a vida! Curiosa esta ideia. Nietzsche também dirá coisas como isto: eles têm necessidade de fazer reinar a tristeza! Ele [Spinoza] sente isto, ele [Spinoza] (DELEUZE, 2019, p. 114).

Sendo assim, na quarta parte da obra “Ética” (2019), Spinoza trata da servidão humana ou a força dos afetos, ainda mais quando afirma que a vida racional tem como característica a inteligência. Todavia, essa condição fortalecida no indivíduo humano carece de desenvolvimento decorrentes dos encontros e da natureza das afecções causadas neles.

Não há, portanto, nenhuma vida racional sem inteligência. E as coisas são boas à medida que ajudam o homem a desfrutar da vida da mente, que é definida pela inteligência. Dizemos, em troca, que são más apenas aquelas coisas que impedem que o homem possa aperfeiçoar a sua razão e desfrutar de uma vida racional (SPINOZA, 2019, p. 205).

Na quinta parte dessa obra, Spinoza estabelece relação entre a ideia de vida, mediante as variações sofridas ao longo dela, cujas naturezas ou lhe proporcionam felicidades ou infelicidades. Todavia, ela está relacionada à capacidade do indivíduo em conhecer as naturezas dos encontros, ou seja, conseguir conhecer aqueles que são adequados e os inadequados; para isso, requer a utilização da razão. Desta forma, a vida não se faz simplesmente pelo tempo vivido, mas pela natureza do tempo vivido.

[...] nós vivemos numa variação contínua e que, conforme mudamos para melhor ou para pior, dizemos que somos, respectivamente, felizes ou infelizes. Assim, diz-se que é infeliz quem morre quando ainda é bebê ou criança. Contrariamente, considera-se uma felicidade podermos percorrer, com uma mente sã num corpo são, toda a trajetória da vida. E, de fato, aquele que, tal como um bebê ou uma criança, tem um corpo capaz de pouquíssimas coisas e é extremamente dependente das causas

exteriores, tem uma mente que, considerada em si mesma, quase não possui consciência de si, nem de Deus, nem das coisas (SPINOZA, 2019, p. 235-236).

A morte, como já foi mencionada, corresponde a uma condição inerente a todos os seres vivos. Nesse sentido, qualquer que seja a tentativa de discussão, não se pode negá-la, porém compreendida e até aceita. Portanto, os esforços dedicados pelo ser humano revelam que somente ele tem a preocupação sobre sua existência, isto porque aqueles precisam dirigir-se sobre a vida e as formas como ela pode ser vivida, sobretudo no plano da afirmação.

Dada a inevitabilidade da morte, a vida é conduzida pela razão, ainda mais quando se torna capaz de conhecer as causas e os efeitos das coisas e os seus impactos no corpo-mente do ser humano, ou seja, torna-se imperioso conhecer as naturezas dos encontros, distinguir as composições, porque aumentam sua alegria de vida e lhes proporcionam uma vida potente dos que não fazem parte dessa composição; afinal, diminuem a alegria e torna a vida subjugada. Eis mais um desafio da vida no processo de escolarização, sobretudo em conhecer as naturezas dos encontros ofertados para os estudantes, isto é, na maneira como eles ocorrem, como eles promovem a composição corpo-mente e aumentam sua potência de ser, de existir e de criar modos de vida.

## OS GÊNEROS DO CONHECIMENTO

Na “Ética” de Spinoza, percebe-se a ênfase que ele atribui ao conhecimento como sendo um dos principais dos afetos. Da mesma forma, entende-se que o espaço escolar é, pela sua natureza de produção de conhecimento, pelo qual os fenômenos da natureza e da sociedade podem ser compreendidos na sua articulação entre causa e efeito. Em outras palavras, “O conhecimento do efeito depende do conhecimento da causa e envolve este último”, afirma Spinoza (2019, p. 14). Com efeito, desenvolver o indivíduo na sua natureza, na sua capacidade de inteligência consiste na finalidade do processo de escolarização. Mas, torna-se necessário que ele consiga estabelecer relações entre dois fenômenos revelados. “Com efeito, a ideia de qualquer coisa causada depende do conhecimento da causa da qual ela é o efeito”. (SPINOZA, 2019, p. 55). Assim demonstra Deleuze quando afirma:

Melhor ainda é a demonstração à qual Espinosa chegará: conhecer é conhecer pela causa, logo, coisa alguma pode ser conhecida sem uma causa que a faça ser, em existência ou em essência. Desse argumento, já podemos concluir que a potência de pensar, da qual todas as ideias participam, não é superior a uma potência de existir e de agir, da qual todas as coisas participam. E isso é o essencial, do ponto de vista de uma prova a posteriori (DELEUZE, 2017, p. 93-4).

Ocorre que os corpos são compostos por gêneros de conhecimentos denominados por Spinoza como de primeiro, segundo e terceiro gênero, por encontros chamados de adequados e de inadequados, visto que o conhecimento se produz nos encontros entre os corpos, as junções de composição potencializam e estimulam o ato criativo esse afeto acontece quando um corpo encontra o outro e aumenta a potência de agir, ao contrário dos encontros de decomposição nos levam a uma condição menor. Dessa maneira, não se pode pensar como uma expressão da individualidade, visto que o corpo humano corresponde um modo da substância, conhecido por *natura naturada*, ou seja, um corpo constituído pelos encontros.

Os corpos compostos se realizam nos encontros, mas para que essa proposição ocorra é necessário entender que a vida não se faz isoladamente, tampouco o indivíduo não é em si a medida para o entendimento dos outros corpos. Na mesma medida, tem-se a necessidade da promoção de encontros onde ocorram as experiências de discussões de ideias, sobretudo aquelas que não são representativas, isto é, existem em ato, como aquelas que expressam a ideia de potência do corpo, formuladas em torno de criação de desejo, de vontade, de força, diferentemente das representativas que estão relacionadas as coisas/objetos. Em sínteses, encontros que possam deslocar o pensamento do campo da imaginação que se faz por ideia inadequadas.

Quando a mente humana considera os corpos exteriores por meio das ideias das afecções de seu **próprio corpo**, dizemos que ela **imagina**. E a mente não pode imaginar os corpos exteriores como existentes em ato de nenhuma outra maneira. Portanto, à medida que imagina os corpos exteriores, a mente não tem deles um conhecimento adequado (SPINOZA, 2019, p. 74, grifos nossos).

O conhecimento que se faz pela imaginação, sustentada na ideia oriunda das afecções inadequadas ou confusas, mantém o indivíduo circunscrito no primeiro gênero do conhecimento. Nenhum ser humano pensa errado ou falsamente, todos pensam situados em um gênero do conhecimento, mas é necessário conhecer em qual dele ocorre. Nesse gênero, não está presente a produção de conhecimento, mas uma condição de lentidão do corpo, ainda mais quando parado como capacidade de pensar, isto é, impulsionado pela natureza dos encontros e, consequentemente, pelas afecções inadequadas geradas.

Sendo assim, as experiências escolares como conteúdos curriculares oficiais, ou ainda, por meio das experiências de diálogos entre os professores e alunos e entre esses, observamos que precisam ser motivadores da produção de conhecimentos, sobretudo por aqueles mediados pela razão. Em outras palavras: “A falsidade consiste na privação de conhecimento que as ideias



inadequadas, ou seja, mutiladas e confusas, envolvem” (SPINOZA, 2019, p. 77). Logo, compreendemos que a natureza da escola corresponde à produção de conhecimentos, de modo que a vida seja norteada ou pelo segundo ou terceiro gênero do conhecimento. Nesse cenário, percebemos que os gêneros, não o primeiro, ensinam-nos a distinguir o verdadeiro do falso, como destaca Spinoza. “Quem, com efeito, sabe distinguir entre o verdadeiro e o falso é porque deve ter uma ideia adequada do verdadeiro e do falso, isto é, é porque deve conhecer o verdadeiro e o falso por meio do segundo ou do terceiro gênero de conhecimento” (SPINOZA, 2019, p. 82).

Então, não se trata de obter conhecimentos, mas de saber a natureza deles, de modo que possamos conhecer e distinguir entre aqueles que são operacionais para distinguir o verdadeiro do falso, entre aquele que possibilita a potencialização do indivíduo, pois lhe ajuda a compreender os fenômenos da natureza e da vida social, daqueles que são da ordem das ilusões. Podemos dizer que ambos são conhecimentos, mas o segundo e o terceiro gêneros são meios para a produção de novos conhecimentos; já o de primeiro, como formulados pelas paixões tristes, mantém-lhe no mundo das ideias representativas.

O conhecimento de primeiro gênero é a única causa de falsidade, enquanto o conhecimento de segundo gênero e o de terceiro é necessariamente verdadeiro. [...] Dissemos que pertencem ao conhecimento de primeiro gênero todas aquelas ideias que são inadequadas e confusas; e, como consequência, esse conhecimento é a única causa de falsidade. Dissemos, além disso, que pertencem ao conhecimento de segundo e de terceiro gênero aquelas ideias que são adequadas, e, portanto, este conhecimento é necessariamente verdadeiro (SPINOZA, 2019, p. 82).

As ideias ou noções universais obtidas a partir do primeiro gênero do conhecimento, afastam-nos da realidade entendida por Spinoza como a própria perfeição, ainda mais por não conhecer as causas e os efeitos dos fenômenos que conduzem o ser para um estágio de mendacidade, de ilusão, de fantasia. Nesse sentido, constituir a vida pelo segundo ou terceiro gênero do conhecimento corresponde a um valor fundamental para um indivíduo conseguir distinguir as ideias adequadas das inadequadas, pois assim constata Spinoza quando afirma que:

O esforço supremo da mente e sua virtude suprema consistem em compreender as coisas por meio do terceiro gênero de conhecimento. O terceiro gênero de conhecimento procede da ideia adequada de certos atributos de Deus para o conhecimento adequado da essência das coisas. E quanto mais compreendemos as coisas dessa maneira, tanto mais compreendemos a Deus. E, por isso, a virtude suprema da mente, isto é, sua potência ou natureza, ou seja, seu esforço supremo consiste em compreender as coisas por meio do terceiro gênero de conhecimento (SPINOZA, 2019, p. 228-9).

Nessa premissa, compreendemos que o atributo da mente corresponde ao pensamento, já a finalidade da escola, como instituição aglutinadora dos conhecimentos produzidos, consiste num espaço de produção de conhecimento, cuja característica essencial diz respeito à promoção do pensamento, como atributo da mente. Nesse sentido, essa instituição corresponde ao espaço dos encontros, cujas afecções precisam motivar o uso do pensamento ou no segundo ou no terceiro gênero. Isto é: “Quanto mais a mente é capaz de compreender as coisas por meio do terceiro gênero de conhecimento, tanto mais deseja compreendê-las por meio desse mesmo gênero” (SPINOZA, 2019, p. 229). Logo, é pelo conhecimento oriundo do terceiro gênero que provém a maior satisfação da mente que pode existir.

A virtude suprema da mente consiste [...], em compreender as coisas por meio do terceiro gênero de conhecimento, virtude que é tanto maior quanto mais a mente conhece as coisas por meio desse mesmo gênero. Por isso, quem conhece as coisas por meio desse gênero de conhecimento passa à suprema perfeição humana e, conseqüentemente, é afetado da suprema alegria, a qual vem acompanhada da ideia de si mesmo e de sua própria virtude. Logo, desse terceiro gênero de conhecimento provém a maior satisfação que pode existir (SPINOZA, 2019, p. 229).

Por natureza, os gêneros do conhecimento são decorrentes dos encontros e da natureza das afecções. Seria até verdadeiro dizer que o primeiro gênero corresponde à vida na sua experiência de ser, ainda mais mediante o fato de estar vivo sem quase nenhum esforço para adquiri-lo; ao contrário desse, o segundo e o terceiro requerem esforço, ânimo, apetite, desejo para adquiri-lo. Isto é, tal cenário requer uma ação para promover o movimento do corpo, ou seja, no sentido de procurar conhecer a relação entre as causas e os efeitos das coisas.

Nesse sentido, o primeiro gênero do conhecimento situa-se em sentir os efeitos das afecções decorrentes dos encontros, mas não em conhecer e estabelecer relação com as causas. Diferentemente do segundo e terceiro gênero em que há:

O esforço ou o desejo por conhecer as coisas por meio deste terceiro gênero de conhecimento não pode provir do primeiro, mas, sim, do segundo gênero de conhecimento. Isto é, ideias que são, em nós, claras e distintas, ou seja, que estão referidas ao terceiro gênero de conhecimento, não podem se seguir de ideias mutiladas e confusas, as quais estão referidas ao primeiro gênero de conhecimento, mas de ideias adequadas, ou seja, do segundo e do terceiro gêneros de conhecimento (SPINOZA, 2019, p. 229).

Entre os gêneros do conhecimento, o primeiro corresponde ao da paixão, imagens confusas; o do segundo decorre do emprego da razão em que se conhecer a relação causa e efeitos, mas o do terceiro é o da intuição, da criação. Nele se tem a alegria do conhecer e da

invenção. “Desse gênero de conhecimento nasce a maior satisfação da mente que pode existir, isto é, a maior alegria possível, a qual vem acompanhada da ideia de si mesmo e, conseqüentemente, também da ideia de Deus como sua causa” (SPINOZA, 2019, p. 231). Desse gênero, nasce o que Spinoza chamou de amor intelectual, porque dele nasce a alegria relacionada à essência do indivíduo, que também foi chamado de conhecimento eterno. “E se a alegria consiste na passagem para uma perfeição maior, a beatitude deve, certamente, consistir, então, em que a mente está dotada da própria perfeição” (SPINOZA, 2019, p. 232).

A mente humana no seu atributo pensamento, de acordo com a teoria spinoziana, possui a capacidade de conhecer, sobretudo quando ela se situa entre o segundo e ou terceiro gênero do conhecimento. Esse é um fato para o ser humano, mas como ser em capacidade de desenvolvimento de seu potencial em ato. Essa é uma premissa desafiadora quando falamos da vida no processo de escolarização, sobretudo quando os indicadores usados para medir os desempenhos dos estudantes apontam baixos índices de desempenhos. Todavia, a condição de criação, ou da vida no terceiro gênero do conhecimento é uma possibilidade, ou seja, ao mesmo tempo mais um desafio a ser desenvolvido também no âmbito do processo de escolarização. Em síntese, os dados mensuradores de desempenhos têm suas relevâncias, mas não conseguem indicar os atos de criação, que não se conformam às regras predicativas da aprendizagem. Por isso, diz Spinoza: “[...] Pensei que valia pena fazer, aqui, essa observação, para mostrar, com esse exemplo, o quão forte é o conhecimento das coisas singulares que chamei de **intuitivo** ou de terceiro gênero, e o quanto ele é superior ao conhecimento universal, que eu disse ser do segundo gênero” (SPINOZA, 2019, p. 234, grifo nosso).

Em Spinoza, o indivíduo é um ser cuja composição dar-se-á pelo corpo-mente, ao mesmo tempo que seus respectivos atributos são extensão e pensamento. Nesse sentido, fica destacada sua capacidade de fazer e, simultaneamente, pensar naquilo que se faz. Então, o indivíduo é aquele que cria, inventa, produz, mas sobretudo pelos segundos e terceiros gêneros do conhecimento. “Quanto mais coisas a mente compreende por meio do segundo e do terceiro gêneros de conhecimento, tanto menos ela padece dos afetos que são maus, e tanto menos teme a morte” (SPINOZA, 2019, p. 234-5).

O conhecimento e sua produção são da natureza do homem, à medida que ela desenvolve sua capacidade de pensamento mediado pelo conhecimento das causas e dos efeitos, ainda mais por meio da razão ou estimulado para os atos de intuição. Em outras palavras, ele alcança um nível superior de satisfação de sua existência. Isto é: “A beatitude não é o prêmio da virtude, mas a própria virtude; e não a desfrutamos porque refreamos os apetites lúbricos,

mas, em vez disso, podemos refrear os apetites lúbricos porque a desfrutamos” (SPINOZA, 2019, p. 238). Mas, o exercício do poder da mente se realiza quando o homem vive em estado de liberdade, conseqüentemente, sem ser coagido nem pelo medo, tristeza, constrangimentos.

Assim, Spinoza destaca a capacidade do indivíduo, ao mesmo tempo que deixa um desafio para entender a dificuldade que temos em percorrer os gêneros do conhecimento com vista a aproximação do terceiro. Na mesma forma de desafio, pergunta-se sobre o porquê desse exercício não ocorrer na sua plenitude na trajetória de escolarização das crianças e dos jovens, visto os dados das pesquisas indicarem os rendimentos escolares na atualidade como desconexos dessa premissa.

### ARTICULAÇÃO CORPO-MENTE E CONHECIMENTO

A partir da premissa de que “Por ideia compreendo um conceito da mente, que a mente forma porque é uma coisa **pensante**” (SPINOZA, 2019, p. 51-2, grifo do autor), observamos que Spinoza discorre sobre a mente como forma pensante. Fica evidente a distinção entre o modo homem e os demais seres vivos, ainda mais quando ele diz que a mente no homem tem um atributo que se chama pensamento. Obviamente que há articulação entre corpo-mente na efetivação da capacidade intelectual do ser. Para destacar a capacidade da mente, então, Spinoza distingue o conceito de percepção. Assim diz: “Digo **conceito** e não **percepção**, porque a palavra **percepção** parece indicar que a mente é passiva relativamente ao objeto, enquanto **conceito** parece exprimir uma ação da mente” (SPINOZA, 2019, p. 51-2, grifos do autor). Como já foi dito, a mente-corpo são dimensões que agem em simultaneidade, ou seja, afecções que ocorrem na mente, ainda mais quando sente-se no corpo, ou seja, já as incidem sobre o corpo e na mente.

Essa ideia da mente está unida à mente da mesma maneira que a própria mente está unida ao corpo. Demonstramos que a mente está unida ao corpo porque este é objeto daquela. A ideia da mente, deve, portanto, pela mesma razão, estar unida ao seu objeto, isto é, à própria mente, da mesma maneira que a mente está unida ao corpo [...] a ideia do corpo e o corpo, isto é, a mente e o corpo, são um único e mesmo indivíduo, concebido ora sob o atributo do pensamento, ora sob o da extensão. É por isso que a ideia da mente e a própria mente são uma só e mesma coisa, concebida, neste caso, sob um só e mesmo atributo, a saber, o do pensamento (SPINOZA, 2019, p. 71).

Pela simultaneidade corpo-mente tem-se a potência de pensar, cujo desdobramento oferece ao ser humano a segurança de saber, ao mesmo tempo a ideia de saber o que se sabe. Trata-se de uma faculdade que lhe dá a dimensão de sua existência, inclusive de que está

circunscrita pela condição de mortalidade. Deste modo, pensar potencializa a vida para conhecer os fenômenos naturais e aqueles da vida em sociedade.

Corpo-mente estão interligados, ainda mais quando se expressa pela sua extensão-ato, ou ainda, a mente pelo seu atributo em pensamento-ato. Em ambos estão a ideia da ação, do ato, do fazer. O corpo é objeto da mente cujas ideias de afecções se efetivam por meio dele, realizam-se em ato ao ponto de articular corpo-mente. Mas, esse fenômeno da simultaneidade pode também ocorrer em proporção inversa quando as afecções envolvem corpo-mente e são constituídas de tristezas que diminuem o ânimo/apetite da vida.

Nesse sentido, percebemos que as possibilidades de ações sobre o corpo-mente são evidentes em Spinoza. Pelo exposto, podemos perguntar como essa simultaneidade é abordada no processo de escolarização. Com efeito, a preocupação desenvolvida por essa instituição escolar precisa ter como foco os rendimentos escolares inerentes aos saberes disciplinares. Todavia, é necessário saber como ela colabora para estimular uma vida potente e em estado de liberdade, sobretudo uma que esteja estritamente relacionada ao estado de espírito, como assevera Lapoujade (2017, p. 59). Em suma, o corpo e o estado de liberdade correspondem a uma condição de possibilidade para uma vida potente.

Nessa articulação corpo-mente, Spinoza dá destaque para o corpo enquanto extensão, cujas afecções ocorrem mediadas pelos encontros. Isto é, considerando a vida em processo de escolarização. Nesse cenário, vislumbra-se o maior destaque a cognitividade do ser estudante em detrimento do corpo. Aqui faço uma aproximação à ideia de cognitividade ao pensamento, mesmo reconhecendo que não são coisas da mesma natureza, pois enquanto a mente-pensamento é destacada em ato, a cognitividade não tem esse aspecto como foco, pois o que ela avalia são as respostas atribuídas às perguntas destinadas aos estudantes, ainda mais por ocasião do processo de ensino-aprendizagem-avaliação.

Em outros termos, entende-se que é necessário criar experiências de aprendizagem em que a simultaneidade corpo-mente sejam envolvidos, sobretudo com destaque para uma ação de produzir gênero das narrativas orais/escritas, uma vez por expressões visuais. O fato é que a mente e corpo são afetados de muitas maneiras pelos corpos exteriores. Ademais, a mente humana é capaz de perceber muitas coisas, e é tanto mais capaz quanto maior for o número de maneiras pelas quais seu corpo pode ser arranjado, ou seja: “tudo o que acontece no corpo humano deve ser percebido pela mente” (SPINOZA, 2019, p. 66).

Fica evidente em Spinoza a estreita relação entre corpo-mente, o que indica a necessidade de compreensão do humano na imbricação desses dois atributos extensão-

pensamento. Em sendo verdadeira essa proposição, a compreensão dele precisa atentar para as formas como os corpos são afetados e as ressonâncias das afecções na mente.

Considerando que o ambiente escolar e as atividades nele desenvolvidas consistem em encontros, sejam com os corpos em processo de escolarização, sejam com os conhecimentos dos campos disciplinares, aqui me refiro às áreas de conhecimentos reconhecidas e recomendadas para a aprendizagem escolar, então deve-se se ter a necessidade de conhecer as afecções promovidas e os seus impactos nos corpos-mentes dos alunos. Mas, conhecer os impactos nos seus corpos-mentes, com vista a saber os graus de potencialização causadas nas suas existências, de modo a aumentar seus domínios de pensamento, de criação, de inventividade e de expressão - quer escrita, quer visual, quer corporal, quer nas formas de argumentação, ocorrem no campo do devir. Inevitavelmente, a escola é um espaço de encontros dos corpos e nela eles são arranjados.

A escola criou uma métrica avaliativa dos corpos, e nela deu ênfase à cognitividade. Para isso, existem os objetivos instrucionais com foco nas ações que movimentam a substância cognitiva. Com esse suporte intelectual, mensura-se a aprendizagem dos escolares, a partir da ideia de que quanto maior o número de acertos das questões a eles dirigidas, maior serão considerados os seus desempenhos. Isto é, ocorre que nesse esquema não há possibilidades de criação, de expressão da criatividade, ainda mais quando não se considera que pode ocorrer um caminho diferente, como no caso de problemas matemáticos. Logo, questionamos: Qual liberdade os alunos possuem nas escolas? Existe espaço para o livre exercício de seus desejos? Observamos que o estado de natureza nunca deverá ser renunciado, porque é preciso conservar o mesmo sub judice de um estado civil. Isto é, a esse respeito, Fragoso esclarece a condição que “Ser livre para Spinoza significa ser determinado a agir somente por si mesmo ou ter determinação interna; ao contrário, ser constrangido ou coagido significa ser determinado a agir por outra coisa além de si mesmo ou ter determinação externa” (FRAGOSO, 2007, p. 8).

Em outras palavras se esse pressuposto é verdadeiro, então, a escola não comporta a criação, que é do campo do inesperado, das virtualidades e atualização dos corpos-mentes, do devir. Caso não comporte essa possibilidade, consiste num espaço da reprodução das verdades instituídas e legitimadas pelos saberes disciplinares. Nesse sentido, que corpo instruído ela contribui para formar? Quais as ideias que ela ajuda a ser incorporada à mente humana como ser de inteligência e, sobretudo, fortalecida. Seja qual for a forma de aprendizagem, nela ocorre as afecções, cujas naturezas precisam ser conhecidas, sendo que “A mente humana percebe não apenas as afecções do corpo, mas também as ideias dessas afecções (SPINOZA, 2019, p. 71).

Assim, dizemos que no espaço da escola e no processo de escolarização ocorrem afecções cujas naturezas precisam está estritamente relacionadas aos conhecimentos ofertados aos alunos, ou seja, algo que lhes produzam marcas nos seus corpos-mentes. Ademais, convém esclarecer que a mente não conhece a si mesma senão enquanto percebe as ideias das afecções do corpo [...] as ideias das afecções pelas quais o corpo é afetado envolvem a natureza do próprio corpo humano, isto é, estão em concordância com a natureza da mente (SPINOZA, 2019, p. 72).

A superioridade do corpo-mente está ligada a seu grau de composição, somos seres corporais e a apreensão desses sentidos se faz pelo corpo. Isto é: “em outras palavras, porque somos finitos e seres originariamente corporais, somos relação com tudo quanto nos rodeia, e isto que nos rodeia são também causas ou forças que atuam sobre nós” (CHAUÍ, 2011, p. 88). Desassociar a vida de seus elementos constitutivos reduzem as capacidades de produção, a escola é parte da vida e precisa ser considerada no processo de construção do conhecimento.

Logo, como o corpo-mente se compõe pelos encontros, é fundamentalmente necessário conhecer a natureza dos encontros, aqui, em específico, àqueles que são promovidos no processo de escolarização, operacionalizados pelas estratégias pedagógicas usadas para promover a aprendizagem dos saberes disciplinares nos alunos. A partir dessa premissa, convém indagar: Quais as condições de possibilidades para exercícios de ações e pensamentos em um plano da liberdade a considerar aos saberes disciplinares? Talvez possamos perceber que existam limites para que venha ocorrer tal cenário quando os saberes disciplinares são formulados, ou melhor, a partir de procedimentos mensuradores de resultados, cujos parâmetros estão lastreados pela perspectiva do verdadeiro, pelo modelo de uma espécie de testagem do pensamento. Com efeito, a liberdade não pode ser compreendida apenas pelo entendimento de sua existência no dispositivo jurídico, pois ela corresponde à liberdade no campo político para regulamentar o corpo da sociedade. Assim, a liberdade parece ser uma conquista e o seu exercício corresponde ao plano da ação promovida pelo corpo-mente.

Não há, na mente, nenhuma vontade absoluta ou livre: a mente é determinada a querer isto ou aquilo por uma **causa** que é, também ela, determinada por *outra*, e esta última, por sua vez, por outra, e assim até o infinito. A mente é um modo definido e determinada do pensar. Portanto, ela não pode ser causa livre de suas ações, ou seja, não pode ter a faculdade absoluta de querer e de não querer; ela deve ser determinada a querer isto ou aquilo por uma causa que é, também ela, determinada por outra, e esta última, por sua vez, por outra, etc. (SPINOZA, 2019, p. 87-8, grifos nossos).

Spinoza indica que o corpo-mente está intimamente relacionado aos encontros e aos movimentos que proporciona estão relacionados ao ritmo proporcional às formas de pensar,

circunscrito a um estado de lentidão-movimento. Todavia, não se torna possível determinar o ritmo do pensamento, uma vez que a natureza dos encontros por criar condições de possibilidades para ação e movimento, em outros para não agir, não se movimentar. Em uns desafia corpo-mente para ter apetite e afirmar a vida; em outro para se posicionar como passivo e recusar a afirmação da vida. De toda forma, em uns será desafiado a se movimentar; em outros a ficar em repouso. O fato é que “A nossa mente, algumas vezes, age; outras, na verdade, padece. Mais especificamente, à medida que tem ideias adequadas, ela necessariamente age; à medida que tem ideias inadequadas, ela necessariamente padece (SPINOZA, 2019, p. 99)

Mesmo sabendo das complementariedade corpo-mente, observamos que elas possuem atributos diferentes, pois “Nem o corpo pode determinar a mente a pensar, nem a mente determinar o corpo ao movimento ou ao repouso, ou a qualquer outro estado (SPINOZA, 2019, p.100). Assim, Spinoza lança o desafio para compreender o ser humano, ao mesmo tempo abala o saber epistêmico que orienta as ações pedagógicas escolares e advoga pela possibilidade de ter o corpo-mente sob seu conhecimento e controle.

[...] fato é que ninguém determinou, até agora, o que pode o corpo, isto é, a experiência a ninguém ensinou, até agora, o que o corpo - exclusivamente pelas leis da natureza enquanto considerada apenas corporalmente, sem que seja determinado pela mente - pode e o que não pode fazer. Pois, ninguém conseguiu, até agora, conhecer tão precisamente a estrutura do corpo que fosse capaz de explicar todas as suas funções, sem falar que se observam, nos animais, muitas coisas que superam em muito a sagacidade humana, e que os sonâmbulos fazem muitas coisas, nos sonhos, que não ousariam fazer acordados. Isso basta para mostrar que o corpo, por si só, em virtude exclusivamente das leis da natureza, é capaz de muitas coisas que surpreendem a sua própria mente (SPINOZA, 2019, p. 101).

Embora o desafio lançado tenha deixado claro que ninguém pode prever o que o corpo pode, é fato que ele pode, ele é capaz de poder algo, todavia não é possível determinar o que ele pode, visto que sua capacidade tem relação com a essência do corpo. Da mesma forma, não é possível anteciper o conhecimento sobre a essência do corpo. Esse tem a natureza de poder algo, mas mediante sua essência. Se de fato esse raciocínio pode ser demonstrado, então podemos dizer que ele pode algo, mas não tudo, pois, sua essência se restringe aquilo que traz ao corpo, à ideia de beatitude; nesse caso, ela se realiza na intimidade do espírito com a criação.

O que, primariamente, constitui a essência da mente não é senão a ideia de um corpo existente em ato, ideia que se compõe de muitas outras, algumas das quais são adequadas, enquanto outras são inadequadas. Portanto, cada coisa que se segue da natureza da mente, e da qual a mente é causa próxima, por meio da qual essa coisa tem que ser compreendida, deve, necessariamente, seguir-se ou de uma ideia adequada ou de uma ideia inadequada. Mas a mente, enquanto tem ideias inadequadas,



necessariamente padece. Logo, as ações da mente seguem-se exclusivamente das ideias adequadas e só padece, portanto, porque tem ideias inadequadas (SPINOZA, 2019, p. 104).

A mente, cujo atribuo é o pensamento, distingue o ser humano dos animais, marca que lhe é fundamental. Friso que lhe faz distinto pela inteligência fortalecida que possui, apenas. Então, ela ou age mediante ideias adequadas, ou mediante as inadequadas; quando alinhadas, têm ideias claras e distintas; no oposto, apresentam-se confusas.

Em Spinoza, interpretamos que o corpo-mente sofre variações, ora aumenta sua potência, ora a diminui. Esses dois movimentos demonstram as variações que corpo-mente sofre. Por essa característica, o processo de escolarização que envolve os alunos precisa considerar esse movimento, uma vez que nem sempre os corpos-mentes desses estudantes possuem conhecimentos que lhe possibilitem conhecer as naturezas dos encontros, o fato é que eles sofrem alterações.

[...] pode padecer grandes mudanças, passando ora a uma perfeição maior, ora a uma menor, paixões essas que nos explicam os afetos da alegria e da tristeza. Assim, por alegria compreenderei, daqui por diante, uma paixão pela qual a mente passa a uma perfeição maior. Por tristeza, em troca, compreenderei uma paixão pela qual a mente passa a uma perfeição menor. Além disso, chamo o afeto da alegria, quando está referido simultaneamente à mente e ao corpo, de excitação ou contentamento; o da tristeza, em troca, chamo de dor ou melancolia. (afeto primário) (SPINOZA, 2019, p. 107).

O corpo-mente é envolvido em encontros pelos quais é envolvido em afetos, quer alegres, quer tristes, porque observamos a possibilidade de apresentarem perfeição maior ou menor, ou ainda, respectivamente. Por esse quadro de possibilidades das variações, é necessário conhecer não somente o desempenho dos alunos nas atividades escolares destinadas pelos processos de escolarização, como também as naturezas dos afetos ocasionados por essas atividades. Os corpos-mentes são dirigidos às escolas desde o ensino fundamental, e compreende a fase do 1º ao 9º ano, dividido em anos iniciais, do 1º ao 5º ano, correspondente às crianças de seis a dez anos de idade; e finais, do 6º ao 9º, com idades de onze aos 14 anos de idade. Já nos três anos do ensino médio, os jovens possuem em torno de 15 a 17 anos de idade. É possível precisar as idades das crianças e dos jovens, bem como mensurar - pela avaliação seus desempenhos - as aprendizagens dos componentes curriculares.

Nesse sentido, compreendemos que o corpo-mente, no processo de escolarização, é submetido à medição, ao medo, à experiência de tristeza mediante as dificuldades de aprendizagem, à punição imposta pela reprovação, ao constrangimento mediante a ideia de que

muitas crianças são incapazes de aprender. Se também essas condições são vivenciadas nos espaços encolares, então os encontros para os que vivenciaram esses episódios promovem mais tristezas do que alegrias.

Mas não fica evidente de que forma esses desempenhos escolares têm relação com a natureza dos afetos adquiridos, seja para indicar perfeição maior, seja para indicar a menor. O processo de escolarização não envolve apenas os desempenhos nas aprendizagens, mas a vida dos jovens, pois pelo menos 1/6 da vida de um adulto ocorreu em processo de escolarização na educação básica, quando concluída, visto que a média de vida do brasileiro é de 76,7 de idade. Nesse contexto, eles passam - no mínimo - 12 anos em processo de escolarização na Educação Básica, isto quando não são reprovados nas aprendizagens; ou por outros motivos, precisam interromper alguns anos de estudos.

Ao pensarmos a respeito desses 12 anos mínimos de vida escolar, é preciso perguntar: De que forma eles foram fundamentais para proporcionar encontros alegres capazes de aumentar a perfeição do ser, ou seja, capazes de tornar o corpo potente, sobretudo na simultaneidade dos atributos corpo-mente, ou seja, como corpo-mente na capacidade de desenvolver o pensamento? De que forma a vida, em processo de escolarização, fortaleceu a perfeição do ser? Ou não é objeto do processo de escolarização esse compromisso com essa perfeição? Obviamente, Spinoza não apresenta na obra “Ética” uma discussão sobre a escola, sobretudo a formulada com a emergência do Estado Moderno. Mas de qualquer forma, não podemos negar os encontros promovidos pelos processos de escolarização do ser e os seus impactos na mente, uma vez que:

A mente esforça-se, tanto quanto pode, por imaginar aquelas coisas que aumentam ou estimulam a potência de agir do corpo. Durante todo o tempo em que a mente imaginar aquelas coisas que aumentam ou estimulam a potência de agir de nosso corpo, o corpo estará afetado de maneiras que aumentam ou estimulam sua potência de agir e, conseqüentemente, durante esse tempo, a potência de pensar da mente é aumentada ou estimulada. Logo, a mente esforça-se, tanto quanto pode, por imaginar essas coisas (SPINOZA, 2019, p. 108).

Pela análise de Spinoza, corpo-mente são dois modos da substância do ser humano, cujas marcas existentes, cujas afecções ou de alegria ou de tristeza aumentam ou diminuem sua potência de agir. A exemplo, na ciência da saúde, o profissional dessa área precisa conhecer o funcionamento do organismo e, sobretudo, as suas funções, de modo a agir para recuperar a saúde do enfermo. Ademais, na ciência da educação tem-se a necessidade de conhecer como funciona a relação corpo-mente, pois ambos estão estritamente relacionados ao atributo

extensão do corpo e ao pensamento da mente. Logo, qualquer que seja o processo de aprendizagem dos componentes curriculares precisa ter conhecimento da relação corpo-mente com o desempenho escolar das crianças e dos jovens, pois “quando a mente considera a si própria e sua potência de agir, ela se alegra, alegrando-se tanto mais quanto mais distintamente imagina a si própria e a sua potência de agir” (SPINOZA, 2019, p. 133).

A mente esforça-se por imaginar apenas aquilo que põe sua própria potência de agir. O esforço ou a potência da mente é a sua própria essência. A essência da mente, entretanto, afirma apenas aquilo que a mente é e pode, e não o que não é, nem pode. Consequentemente, ela se esforça por imaginar apenas o que afirma ou põe sua própria potência de agir (SPINOZA, 2019, p. 134).

Mas inversamente proporcional, “Quando a mente imagina sua impotência, por isso mesmo, ela se entristece. A essência da mente afirma apenas o que a mente é e pode, ou seja, é da natureza da mente imaginar tão-somente o que assegura sua potência de agir (SPINOZA, 2019, p. 134). Nesse sentido, Spinoza indicará o afeto da mente concebido pelo ditame da razão, que lhe fará capaz de conhecer as coisas seja do passado, seja do futuro, seja do presente.

O ser humano é fundamentalmente fruto dos encontros e dos afetos decorridos dele. Em alguns momentos, sobretudo durante o período da vida escolar correspondente à Educação Básica, da vida torna-se difícil ser senhor responsável pelas escolhas dos encontros a participar, seja pela condição de conhecimento para distinguir entre os adequados e os inadequados, seja pela força social que lhe direciona para a vida escolar. Inegavelmente, o ser humano, nesse período da sua existência, não está imune aos afetos, porém é preciso ter o cuidado para o conhecimento de sua natureza, de modo a direcionar-se para as afetividades que tem mais possibilidades, como resultado de aumento de potência de vida e dela para processo de escolarização.

Com efeito, a força de um afeto é definida pela potência, considerada em comparação com a nossa, da sua causa exterior. A potência da mente é definida, entretanto, exclusivamente pelo conhecimento, enquanto sua impotência ou paixão é medida exclusivamente pela privação de conhecimento, isto é, por aquilo em função do qual as ideias são ditas inadequadas (SPINOZA, 2019, p. 226).

Inegavelmente, no processo de escolarização, o corpo-mente sofrem afeto, afecções. Por isso, é necessário conhecer como a potência do intelecto e a liberdade humana - que são duas dimensões que existem em paralelo - são contemplados na escolarização. A liberdade corresponde a exigência fundamental para a expressão do ser, mediante a sua essência;

enquanto o conhecimento decorre da possibilidade do articular e conhecer os efeitos, as causas. A liberdade não corresponde apenas a um estatuto jurídico, porém fundamental, mas o conhecimento na sua potência, pode ser expresso em conformidade com a essência do ser, é uma condição de possibilidade para a liberdade. Isto é: “O conhecimento do bem e do mal nada mais é do que o afeto de alegria ou de tristeza, à medida que dele estamos conscientes. À medida que percebemos que uma coisa nos afeta de alegria ou de tristeza que nós a chamamos de boa ou de má. (SPINOZA, 2019, p. 163). Em a “Ética”, Spinoza deixa suficientemente claro que [...] a potência da razão, o conhecimento dos afetos tem relação com a liberdade ou a beatitude da mente. (SPINOZA, 2019, p. 213)

Um afeto que é uma paixão é uma ideia confusa. Se, pois, formamos uma ideia clara e distinta desse afeto, não haverá entre essa ideia e o próprio afeto, enquanto referido exclusivamente à mente, senão uma distinção de razão. O afeto deixará, portanto, de ser uma paixão. Portanto, um afeto está tanto mais sob nosso poder, e a mente padece tanto menos, por sua causa, quanto mais nós o conhecemos (SPINOZA, 2019, p. 217).

Essa combinação necessária entre estado de liberdade e conhecimento é fundamental para a vida. Uma vez que “o conhecimento é uma atividade do espírito; ele depende da potência de existir e de agir do atributo pensamento” (RIZK, 2019, p. 69), mas depende de um estado de liberdade para se manifestar. Nesse sentido, pergunta sobre as experiências de liberdades para criação, para inventividade, para expressão oferecidas nos processos de escolarização que não sejam submetidas a processos de mensuração para atribuição de notas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seguramente, não temos garantia que essas fugas de pensar o processo de construção do conhecimento a partir dos afetos, corpo-mente e das relações que potencializam o ser conseguiriam ampliar as representações dos seus partícipes, mas a normatização e a obviedade preestabelecidas nas correntes predominantes no ensino formal no Brasil não conseguem na sua maioria alcançar a afirmação/satisfação máxima do homem, pois carregam uma prognose das ações.

Ademais, compreendemos que na obra de Ariès (1981) é destacada que a ausência homogenia dos níveis de desenvolvimento escolar, durante o século XVIII, revelou um movimento que estimulava para que houvesse muitas crianças precoces e prodigiosas, pois eram livres e definitivamente guiar-se-iam pelo corpo do desejo. Um exemplo desse gerenciamento de corpos no modelo dominante de escola foi a hierarquização estabelecida nas

relações, como: carteiras enfileiradas, silêncio, fardamento, pedagogia do medo. Logo, o desafio é perceber que somos seres corporais compostos por diferentes expressões e modos, e quanto maior nossas interações, maiores serão as possibilidades de produzir conhecimento.

Devemos considerar o que se passa entre os diferentes corpos que habitam um currículo, níveis de alcances diferentes, experiências dissemelhantes, categorias de significações únicas, todas essas e outras especificidades são elementos inerentes dos indivíduos e devem ser levadas em consideração no processo de ensino e aprendizagem. Dessa forma, a organização escolar que orienta quando, como e onde o aluno deve aprender, cerceia e limita sua potência, desestimula a imaginação científica/artística/filosófica, a curiosidade, visto que o conhecimento é apresentado aos estudantes como um produto acabado, pronto quase que definitivamente. A ruptura almejada é pensar que nos estabelecimentos de ensino cada substância (discentes, professores e comunidade escolar), porque possui atributos diferentes; nessa ótica, não poderíamos normatizar e exigir os mesmos rendimentos.

Podemos e devemos promover bons encontros, à medida que orientamos e conduzimos os discentes para o caminho do mais potente dos afetos: o conhecimento, este relacionado a afecções alegres. A produção do conhecimento faz parte da vida humana e é construída em ato, ativa, e caso aconteça a partir de uma velocidade absoluta do pensamento que ultrapassa o tempo e o espaço, isto é, disso nasce a essência de si mesmo, aquilo cuja realização se torna a autoafirmação da ideia.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: Ministério da Educação, 2017.

CORAZZA, Sandra Mara. Currículo e Didática da Tradução: vontade, criação e crítica. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41 n. 4, p. 1313-1335, 2016.

CHAUÍ, M. **Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DELEUZE, Gilles. **Cursos sobre Spinoza** (Vincennes, 1978-1981). 3 ed. Fortaleza: EdUECE, 2019.

FOUCAULT, Michel. **Estratégia poder-saber** (Ditos e Escritos, vol. 4) Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

FRAGOSO, Emanuel Angelo da Rocha. O conceito de Liberdade na Ética de Benedictus de Spinoza. **Revista Conatus - Filosofia de Spinoza**, Fortaleza, v.1, n.1, 2007.

LAPOUJADE, David. **Potências do Tempo**. Tradução de Hortencia Santos Lencastre. 2 ed. São Paulo: n – 1 edições, 2017.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Trad.: Carlos Alberto R. de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

RIZK, Hardi. **Comprender Spinoza**. 2 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A arte do encontro e da composição: Spinoza + Currículo + Deleuze. **Educação e Realidade**, v. 27, n. 2, jul.-dez., 2002.

SPINOZA, Baruch. **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.